



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 27/11/2019



Comportamento em torno das águas das cheias: desafios para a segurança das águas das cheias e comunicação de riscos

Este artigo é baseado em um painel de discussão realizado na conferência de Gerenciamento de Desastres e Emergências da Austrália e Nova Zelândia em junho de 2019. Todos os autores (exceto Haynes) foram membros do painel e forneceram perspectivas sobre o conjunto de desafios baseados em pesquisas, operacionais, organizacionais e pessoais. experiências.

A seleção dos quatro desafios surgiu das constatações de dados recentes de pesquisas australianas e de questões já identificadas como problemáticas para a comunicação de risco de inundação. Cada desafio é discutido, delineando-o com atenção às questões centrais e relevância para as comunicações de risco de inundação.

Um resumo das evidências da pesquisa quantifica e detalha a questão e a opinião de especialistas expande o contexto e as abordagens usadas, ou planejadas para serem usadas, para enfrentar o desafio.

FONTE: https://knowledge.aidr.org.au/media/7280/ajem_102019-14.pdf



Monitor de colheita GEOGLAM para aviso prévio: novembro de 2019

O GEOGLAM Crop Monitor for Early Warning (CM4EW) é uma avaliação internacional e transparente de fontes múltiplas e consensual das condições de cultivo, status e

condições agro-climáticas que provavelmente impactarão a produção global. O CM4EW relata riscos climáticos, como secas, inundações e condições climáticas extremas, bem como pragas e doenças de culturas, como parte de seu monitoramento de países em risco de fome e para fornecer alertas precoces de déficits iminentes nas culturas. O relatório do CM4EW é publicado online todos os meses. Esta edição cobre condições em novembro de 2019.

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/68908_68908earlywarningcropmonitor201911.pdf

BMJ Open

Impacto das inundações repetidas na saúde mental e na qualidade de vida relacionada à saúde: uma análise transversal do Estudo Nacional Inglês de Inundações e Saúde

Este artigo avalia a associação entre inundações / inundações repetidas e:

1. morbidade psicológica (ansiedade, depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT)) e
2. qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) 6 meses após a inundação.

É utilizada uma análise transversal dos dados do Estudo Nacional Inglês de Inundações e Saúde.

Os questionários foram enviados para 2500 endereços residenciais aos 6 meses após a inundação; 590 pessoas responderam. A depressão provável foi avaliada usando o Questionário de Saúde do Paciente, a ansiedade provável usando a escala de Transtorno de Ansiedade Generalizada e o TEPT provável usando a lista de verificação de PTSD em formato curto (PCL-6). A QVRS foi avaliada usando o EQ-5D-5L. Os resultados de saúde mental foram analisados por regressão logística; Dimensões da QVRS usando regressão ordinal; e índice sumário / pontuação da Escala Analógica Visual usando regressão linear.

Cento e dezenove participantes foram inundados, mais da metade dos quais estavam passando por um evento repetido de inundação (54%; n = 64). Os resultados de saúde mental foram elevados entre os participantes inundados em comparação com os participantes não afetados (OR ajustado para depressão provável: 7,77, IC 95%: 1,51 a 40,13; ansiedade: 4,16, IC 95%: 1,18 a 14,70; TEPT: 14,41, IC 95%: 3,91 a 53,13). A prevalência de depressão foi maior entre os participantes repetidos em comparação com os participantes inundados, mas isso não foi significativo após o ajuste. Não houve diferença nos níveis de ansiedade ou TEPT. Comparados com os participantes não afetados, os inundados apresentaram escores mais baixos no índice EQ-5D-5L

(coeficiente ajustado: -0,06, IC 95%: -0,12 a -0,01) e escores de saúde auto-classificados (coeficiente ajustado: -6,99, IC 95% : -11,96 a -2,02).

FONTE: <https://bmjopen.bmj.com/content/bmjopen/9/11/e031562.full.pdf>



Os cientistas analisaram o nível do mar 125.000 anos no passado. Os resultados são aterradores

Por Fiona Hibbert, pesquisadora de pós-doutorado, Australian National University; Eelco Rohling, professor de Ocean and Climate Change, Australian National University, e Katharine Grant, pesquisadora de pós-doutorado em ARC DECRA, Australian National University

O nível do mar subiu 10 metros acima dos níveis atuais durante o último período quente da Terra, 125.000 anos atrás, de acordo com uma nova pesquisa que oferece um vislumbre do que pode acontecer na atual trajetória de mudanças climáticas.

Nosso artigo, publicado hoje na Nature Communications, mostra que o derretimento do gelo da Antártica foi o principal fator de elevação do nível do mar no último período interglacial, que durou cerca de 10.000 anos.

O aumento do nível do mar é um dos maiores desafios para a humanidade colocados pelas mudanças climáticas, e previsões sólidas são cruciais para que possamos nos adaptar.

Esta pesquisa mostra que a Antártica, há muito considerada o “gigante adormecido” da elevação do nível do mar, é realmente um participante importante. Suas camadas de gelo podem mudar rapidamente e de maneiras que podem ter implicações enormes para as comunidades costeiras e a infraestrutura no futuro.

Um aviso do passado

Os ciclos da Terra consistem em períodos glaciais frios - ou eras glaciais - quando grandes partes do mundo são cobertas por grandes mantos de gelo e períodos interglaciais mais quentes quando o degelo do gelo e o nível do mar aumentam.

A Terra está atualmente em um período interglacial que começou há cerca de 10.000 anos atrás. Mas as emissões de gases de efeito estufa nos últimos 200 anos causaram mudanças climáticas mais rápidas e extremas do que as experimentadas durante o último período interglacial. Isso significa que as taxas passadas de aumento do nível do mar fornecem apenas previsões baixas do que pode acontecer no futuro.

Examinamos dados do último interglacial, que ocorreu de 125.000 a 118.000 anos atrás. As temperaturas foram até 1 °C mais altas do que hoje - semelhantes às projetadas para o futuro próximo.

Nossa pesquisa revela que o derretimento do gelo no último período interglacial fez com que os mares globais subissem cerca de 10 metros acima do nível atual. O gelo derreteu primeiro na Antártica, depois alguns milhares de anos depois na Groenlândia.

O nível do mar subiu até 3 metros por século, excedendo em muito o aumento de aproximadamente 0,3 metro observado nos últimos 150 anos.

A perda precoce de gelo na Antártica ocorreu quando o Oceano Antártico se aqueceu no início do período interglacial. Essa água derretida mudou a forma como os oceanos da Terra circulavam, o que causou aquecimento na região polar norte e provocou o derretimento do gelo na Groenlândia.

Compreendendo os dados

Estima-se que o nível médio global do mar suba mais de 3 milímetros por ano. Prevê-se que essa taxa aumente e que o aumento total do nível do mar até 2100 (em relação a 2000) atinja 70-100 centímetros, dependendo de qual caminho de emissão de gases de efeito estufa seguirmos.

Tais projeções geralmente dependem de registros coletados neste século a partir de medidores de maré e, desde os anos 90, a partir de dados de satélite.

A maioria dessas projeções não explica um processo natural essencial - instabilidade do penhasco no gelo - que não é observado no breve registro instrumental. É por isso que as observações geológicas são vitais.

Quando o gelo chega ao oceano, ele se torna uma plataforma flutuante de gelo que termina em um penhasco. Quando essas falésias ficam muito grandes, tornam-se instáveis e podem entrar em colapso rapidamente.

Esse colapso aumenta a descarga de gelo terrestre no oceano. O resultado final é o aumento global do nível do mar. Alguns modelos tentaram incluir instabilidade no penhasco, mas os resultados são controversos. Os resultados desses modelos prevêm, no entanto, taxas de aumento do nível do mar que são intrigantemente semelhantes aos nossos últimos dados interglaciais recentemente observados.

Nosso trabalho examina registros da mudança total do nível do mar, que por definição inclui todos os processos naturais relevantes.

Examinamos as alterações químicas nas conchas fósseis de plâncton nos sedimentos marinhos do Mar Vermelho, que se relacionam de maneira confiável às mudanças no nível do mar. Juntamente com as evidências da entrada de água de derretimento na Antártida e na Groenlândia, esse registro revela a rapidez com que o nível do mar subiu e distingue as diferentes contribuições das camadas de gelo.

Olhando para o futuro

O que chama a atenção no último registro interglacial é o quão alto e rapidamente o nível do mar subiu acima dos níveis atuais. As temperaturas durante o último período interglacial foram semelhantes às projetadas para o futuro próximo, o que significa que o derretimento das camadas de gelo polar provavelmente afetará os níveis futuros do mar de maneira muito mais dramática do que o previsto até o momento.

O último interglacial não é um cenário perfeito para o futuro. A radiação solar recebida foi maior do que hoje devido a diferenças na posição da Terra em relação ao Sol. Os níveis de dióxido de carbono foram de apenas 280 partes por milhão, em comparação com mais de 410 partes por milhão hoje.

Fundamentalmente, o aquecimento entre os dois pólos no último interglacial não ocorreu simultaneamente. Mas, sob as mudanças climáticas de hoje provocadas pelos gases de efeito estufa, o aquecimento e a perda de gelo estão acontecendo nas duas regiões ao mesmo tempo. Isso significa que, se a mudança climática continuar inabalável, o dramático aumento do nível do mar no passado da Terra poderá ser uma pequena amostra do que está por vir.

FONTE: <https://theconversation.com/scientists-looked-at-sea-levels-125-000-years-in-the-past-the-results-are-terrifying-126017>



As defesas contra inundações simplesmente não são boas o suficiente - eis o que precisa ser feito

Por Liz Sharp, professora sênior de estudos e planejamento urbanos da Universidade de Sheffield

Quando mesmo Boris Johnson, primeiro-ministro conservador do Reino Unido, interpreta inundações severas como uma provável consequência das mudanças climáticas, é um sinal de que todos estão reconhecendo que o clima está ficando estranho. É difícil não - as recentes inundações no Reino Unido foram desencadeadas quando a precipitação média de todo o mês de novembro caiu em South Yorkshire e no norte de Derbyshire em 24 horas.

Os danos causados pelas inundações ainda estão sendo avaliados, mas as estradas e as linhas ferroviárias foram fechadas, as pessoas ficaram presas, centenas de propriedades foram inundadas e uma mulher perdeu a vida. Com a promessa de mais períodos de chuvas intensas nos próximos anos, o que precisa ser feito para proteger as comunidades de mais inundações no futuro?

Johnson enfatizou que o governo do Reino Unido já está investindo em mais defesas contra inundações. Mas, embora seja indiscutivelmente necessário, esse investimento não deve ser direcionado apenas à defesa contra inundações. Tais estratégias podem ter uma tendência a proteger os ricos e negligenciar as comunidades mais pobres.

As defesas de inundação - paredes, barreiras, canais de inundação de transbordamento e similares - protegem localidades específicas contra o aumento das águas da enchente. Como os moradores de Doncaster argumentaram com razão em relação às novas defesas em Sheffield, as defesas contra inundações protegem um local canalizando água e fluindo para outro.

Portanto, embora as defesas contra inundações sejam importantes e úteis para proteger os ativos que mais valorizamos, é importante considerar suas conseqüências mais amplas. Uma abordagem abrangente ao risco de inundação envolve uma forma diferente de investimento - com foco na redução do fluxo e na proteção das propriedades em risco da água.

Retardando o fluxo

Enquanto a defesa contra enchentes ajudará apenas comunidades específicas, investimentos que reduzam a extensão das inundações diminuindo o fluxo podem ajudar todos a jusante.

Nos últimos dez anos, grandes mudanças foram feitas em relação ao entendimento e uso do gerenciamento de inundações naturais. No passado, tendíamos a considerar as terras altas como terras desperdiçadas, necessitando de drenagem para que possam ser usadas na agricultura, por exemplo. Mas agora as terras altas são reconhecidas como tendo uma função importante em reter a água.

As valas de drenagem e outros recursos que permitem o uso agrícola podem ser removidos e substituídos por pequenas barragens e outras medidas naturais de gerenciamento de risco de inundação para enriquecer nossos ecossistemas de terras altas naturalmente úmidas e retardar o fluxo. Mas, por enquanto, isso está acontecendo apenas em alguns lugares selecionados e precisa ser mais difundido. E remolhando as terras altas, também aumentamos a extensão das turfeiras, ajudando também o armazenamento de carbono.

Também é importante diminuir o fluxo nas áreas urbanas. Os conselhos estão cada vez mais reconhecendo que podem usar partes de parques para fazer isso. Seções de estrada ou pavimento também podem ser recuperadas para armazenamento de inundações e, às vezes, para a infiltração de águas de inundação no chão. Obviamente, isso significa que as terras atualmente usadas de uma maneira devem ser parcial ou completamente cedidas para outros usos - um campo de futebol pode ser sacrificado para armazenamento ocasional de inundações; vagas de estacionamento perdidas para um novo jardim de chuva.

Também podemos fazer escolhas privadas que ajudam a diminuir o fluxo. A água do seu telhado é canalizada para um barril de chuva, por exemplo, e isso transborda para

uma parte molhada do seu jardim ou para o esgoto? Embora nenhum agregado familiar possa fazer uma grande diferença no fluxo total, todos os proprietários que atuam juntos podem fazer a diferença. Existem muitos beneficiários dessas mudanças - conselhos, empresas de água que tratam os esgotos e os residentes a jusante. No momento, porém, não é responsabilidade de ninguém olhar para esses benefícios juntos e incentivar mudanças na gestão da água em terras privadas.

Preparando-se para inundações

À medida que o clima muda, será ainda mais difícil evitar inundações, por isso também é crucial que aqueles que vivem em locais propensos a inundações se preparem. Muitas vezes, há uma grande demanda de conselhos locais para fornecer sacos de areia em épocas de inundação, mas os sacos de areia são realmente relativamente ineficazes em comparação com as comportas e outras medidas simples de resiliência que podem ser cruciais para proteger as casas de pequenas inundações.

Um design interior cuidadoso também reduz os danos causados pelas inundações. As tomadas podem ser colocadas na metade da parede, por exemplo, e pode ser garantido que os pisos térreos sejam feitos de materiais facilmente laváveis, como concreto ou azulejos, em vez de tapetes ou madeira que precisarão ser jogados fora. As pessoas que moram em locais com risco de inundação também devem se inscrever para receber alertas de inundação, e cada família deve ter um plano de inundação - uma idéia clara sobre o que precisa ser feito se houver um alerta de inundação e tempo limitado disponível para proteger sua família e seus bens. .

Uma das dificuldades de fazer essas mudanças acontecerem é que isso significa um novo tipo de gerenciamento de água, preocupado não apenas com o gerenciamento da água, mas também em parceria com o público. Os engenheiros que prevêm inundações e constroem defesas ainda são necessários, mas para estimular a mudança nas práticas dos proprietários de terra, empresas e famílias, novas habilidades de escuta, comunicação e coordenação são fundamentais. Ainda não está claro como a sociedade pode ser estimulada para gerenciar melhor as inundações e os conselhos, as empresas de água e a Agência Ambiental precisam investir em novas habilidades para liderar esse processo de aprendizado.

Para ajudar nessa colaboração, minha equipe está atualmente realizando pesquisas para analisar como a mobilização em relação à água é organizada.

É claro que tudo isso será de conforto limitado para os pobres de Fishlake e outras cidades de Yorkshire que retornam às suas casas devastadas pelas enchentes. Locais vulneráveis a inundações são frequentemente ocupados por membros menos ricos da nossa sociedade. Evidências de Hull e outros locais inundados em 2007 indicam que levará muitos meses, se não anos, para que a vida das pessoas retorne ao normal, e que, para alguns, as inundações afetarão significativamente sua saúde mental e física.

As autoridades de inundação não podem prometer proteger todos contra inundações. Mas as recentes enchentes deixam claro que é preciso fazer mais para lidar com os riscos de enchentes, melhorando as defesas naturais e diminuindo o fluxo, e catalisando e apoiando todos em zonas de risco de enchentes para proteger suas casas. Porque Johnson está certo ao dizer que essas inundações só se tornarão mais comuns e a atual abordagem do governo simplesmente não é boa o suficiente.

FONTE: <https://theconversation.com/flood-defences-simply-arent-good-enough-heres-what-needs-to-be-done-126781>



UNFPA oferece selo de qualidade a serviços e profissionais de saúde do oeste do Paraná

Foi lançado na última segunda-feira (25) edital de abertura de inscrições para equipes e serviços de saúde do oeste do Paraná que queiram receber selo em reconhecimento ao atendimento oferecido a adolescentes.

A iniciativa “Chega Mais – Selo de Qualidade de Serviços para Adolescentes” é uma certificação oferecida pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e que chega ao oeste paranaense por meio de uma parceria com a ITAIPU Binacional.

Podem se inscrever profissionais e serviços de saúde dos 51 municípios que aderiram ao projeto Prevenção e Redução da Gravidez Não Intencional na Adolescência nos Municípios do Oeste do Paraná, outra parceria entre o UNFPA e a ITAIPU Binacional.

O selo é concedido a partir de critérios de qualidade que envolvem desde acesso a um serviço livre de discriminação; a integração em diferentes frentes de atendimento; a educação permanente de profissionais; e a participação social.

A certificação reconhece iniciativas novas e também as que já fazem parte do conjunto de serviços oferecidos pelos municípios. O selo é também uma oportunidade para que outros serviços possam vir a se qualificar na busca pela garantia de direitos de milhares de adolescentes.

Podem participar equipes de Estratégias Saúde da Família (ESF); equipes e serviços de saúde municipais; Centros de Atenção Psicossocial; Maternidades; Centros de Especialidades Odontológicas; dentre outros.

Ficam impedidos de concorrer à certificação instituições de saúde suplementar; Organizações Sociais prestadoras de serviços de saúde na rede pública no Estado do Paraná; e as Organizações das Comissões Avaliadoras.

Como solicitar o selo



“Chega Mais – Selo de Qualidade de Serviços para Adolescentes” é uma iniciativa UNFPA Brasil e ITAIPU Binacional. Imagem: UNFPA Brasil.

Para se inscrever, é necessário que as equipes sejam formadas por ao menos um servidor municipal, responsável pela inscrição.

O edital, com todos os detalhes e prazos, está disponível aqui.

Após ler o edital, é necessário fazer o download de um modelo de relato de experiência, disponível aqui.

Com o relato preenchido e salvo em PDF, e com as informações de todos os membros da equipe, é possível enviar a inscrição por meio do formulário que está disponível aqui.

FONTE: <https://drive.google.com/file/d/1bs36srhjHjN52bcG5k32-B1aNbpvRtJK/view>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>